Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo – Ano XIV – Nº 395 – Uberaba/MG – Setembro/Outubro/Novembro de 2016

REVELAÇÃO Uniube

Comportamento
A trajetória de sucesso da jornalista Adriana Afonso

06

Psicologia hospitalar
A ciência a serviço da qualidade de vida

08

Lexus
Jovem autor é revelação escrevendo sobre zumbis

22

Futebol americano

O sucesso da modalidade em Uberaba e região

issuu-downloader.com

Feminismo **não é o contrário** de machismo

Amanda Souza
6º período de Jornalismo

O feminismoo é um dos assuntos mais discutidos nas rodas de conversas, mas muitos ainda preservam ideias errôneas sobre o tema.

Há os que dizem que tal iideologia tem a intenção de elevar o gênero feminino e, deste modo, desprezar o masculino ou, até mesmo, "destruir" os homens. Pensamentos como este só aumentam os estigmas. Na verdade, o feminismo pretende construir condições de igualdade entre homens e mulheres.

> "É preciso que a população se informe mais, para que os estigmas do feminismo sejam quebrados

É certo que algumas ações feministas mais radicais confundem e até intimidam a comunidade em geral.

Um exemplo são os protestos em que feministas percorrem as ruas nuas e segurando cartazes. A ação gera grande impacto, em especial, entre as pessoas mais conservadoras ou que cresceram na sociedade patriarcal tradicionalista.

Foto: Wendel Nascimento

Contudo, muitas vezes, é necessário utilizar de ações um pouco mais radicais para conseguir fazer com que a sociedade reflita sobre alguns assuntos. Mostrar os seios nas ruas é uma forma de dizer "Continuamos sendo oprimidas". Não é dizer "queremos acabar com os homens".

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgou, em 2013, que, anualmente, 527 mil mulheres sofrem tentativas ou são vítimas de estupro. No ano seguinte, foram 27 mil denúncias relativas à violência contra mulheres.

Os números alarmam e inspiram a luta. O feminismo se propõe a defender a equidade de gênero, para que as mulheres não sofram mais violências acarretadas pelo preconceito. Assim, o feminismo não é o contrário do machismo, mas, sim, uma reação ao mesmo.

É necessário que a população se informe mais para que os estigmas do feminismo sejam quebrados.

O importante é nos unir em uma causa que é de interesse de todos, que possamos pôr um fim nos ideais machistas e construirmos uma sociedade igualitária a todos os gêneros.

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Pró-reitor de Ensino Superior:** Marco Antônio Nogueira ••• **Coordenador do curso de Comunicação Social:** Celi Camargo (DF 1942 JP) ••• **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva, Jr. Rodran, Bruno Nakamura (ex-alunos Jornalismo/Publicidade e Propaganda) ••• **Orientadora de Designer Gráfico:** Isabel Ventura ... **Estagiários:** Carol Rodrigues, Daniel Carvalho, Hiago Fernandes, Jair Neto (2º período) e Talyson Oliveira (6º período) ••• **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• **Telefone:** (34) 3319 8953 ••• **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

Tapa de amor dói

A violência contra a mulher é o tipo de ferida que não cicatriza

Thaynnara Melo
8º período de Jornalismo

Foto: Giovanna Hermice

Não é preciso folhear um jornal por muito tempo para nos depararmos com notícias chocantes, que nos fazem refletir sobre as relações sociais do homem.

Às vezes, fica difícil definir se as atitudes partem de um ser humano racional ou de um animal que age no ímpeto do seu instinto. A violência contra a mulher nos assombra. Mesmo indiretamente, todos os dias, faz crescer não só a indignação perante os fatos, como também os números, cada vez mais alarmantes.

O Brasil é o sétimo país, entre 87, que apresenta o maior número de mulheres assassinadas. São 4,4 assassinatos em um grupo de 100 mil. Em 2012, a cada quatro horas, uma mulher foi assassinada antes de completar 30 anos e, a cada dois minutos, cinco mulheres são agredidas.

> Mais do que as marcas na pele, a ferida que nunca cicatriza é a que se faz invisível

Compondo essa triste estatística, está a estudante de Jornalismo, Jaquelaine Arruda Mamede. Ela foi encontrada morta, no dia 20 de julho de 2014, quatro dias depois de desaparecer.

De acordo com exames realizados no Instituto Médico Legal (IML), Jaquelaine foi agredida e executada com um tiro na nuca. Os delegados que presidiram a investigação confirmaram que a jovem era garota de programa.

Segundo a Central de Atendimento à Mulher, em 81% dos casos dos casos relatados, em 2013, os agressores são pessoas que têm ou tiveram vínculo afetivo com as vítimas.

Ainda no mesmo ano, o Ligue 180 totalizou quase 3,6 milhões de ligações desde que foi inaugurado, em 2005. Mesmo com o crescente número de denúncias – impulsionado pela sanção da Lei Maria da Penha – algumas vítimas preferem se manter caladas.

A brutalidade do crime que vitimou Jaquelaine impressionou toda a população, trazendo à tona a antiga questão sobre a violência contra a mulher, a impunidade e a morosidade do processo de investigação. Por outro lado, é importante reconhecer que o trabalho de atendimento às vítimas, desde a denúncia, até o acompanhamento médico, ganhou maior atenção desde a última década.

Mais do que o lento desenvolvimento das questões judiciais e das marcas deixadas na pele, a ferida que nunca cicatriza é a que se faz invisível.

O medo e a sensação de impunidade, de injustiça e de revolta podem trazer sérios transtornos psicológicos para familiares e pessoas próximas. Jaquelaine não pode se defender, mas, hoje, existem pessoas propondo reflexões para que a violência contra a mulher não seja banalizada.

issuu-downloader.com

Violência contra a mulher

Mulher sofre agressão e carrega um trauma físico e psicológico para o resto de sua vida

Bruna Barbosa
2º período de Jornalismo

Foto: Giovanna Hermice
Modelo: Rafaella Borges

Denuncie: disque 180. A ligação é gratuita e quem realiza a denúncia não precisa se identificar

> “Lembro apenas de um soco no rosto muito forte e sangue

No Brasil, foram registradas 63.090 denúncias de violência contra a mulher em 2015, segundo dados da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR).

Os dados apontam que 85% correspondem à violência doméstica; em 27% das denúncias, o agressor era um familiar, amigo, vizinho ou conhecido.

Em 67,36% dos relatos, as agressões foram provocadas por homens em que as vítimas tinham ou já tiveram algum relacionamento.

É o caso de Camila Vieira, de 26 anos. Ela foi vítima de agressões pelo namorado por dois anos. Sofreu calada. “Eu achava que os puxões de cabelo e empurrões eram coisas de momento, talvez, ciúmes bobos. Sempre imaginei que iria passar. Acreditava que não teria uma segunda vez”, conta ela.

Segundo a psicóloga Júlia Nunes Scandiuzzi, a agressão começa com a falta de comunicação do casal.

“Na maioria das vezes, os agressores são pessoas que não conseguem expressar seus sentimentos, nem falar do seu desconforto com ninguém. Quando não aguentam mais, acabam agindo de forma explosiva.”

A psicóloga Júlia salienta que qualquer pessoa que se comunica por meio da agressão precisa urgentemente de auxílio profissional.

“O casal deve ter respeito um pelo outro. Quando começar a faltar e ceder às ofensas é hora de buscar ajuda. Uma opção é a terapia de casal para evitar que comunicação fique falha a ponto de chegar ao extremo que é agressão física.“

Camila percebeu que as agressões ficaram mais frequentes no decorrer do namoro. Quando se deu conta, a violência fazia parte do cotidiano. Na noite de um sábado, o namorado passou do limite. Ele não aceitou o término do relacionamento e, quando a jovem menos esperava, apareceu na casa dela e a espancou.

“Lembro apenas de um soco no rosto muito forte e de sangue. Ele me levou para dentro de casa e descontou toda raiva em mim. Quando meus pais chegaram, me acharam literalmente arrebentada no chão”, relata a vítima.

Camila lavrou Boletim de Ocorrência, porém, ainda guarda sequelas físicas e psicológicas.

“Infelizmente, o passado me deixou marcas. Agora, estou feliz e casada, mas faço tratamentos neurológicos e psiquiátricos. O chute na cabeça me ocasionou um tremor na mão direita. Eu também preciso tomar remédios para a depressão”, diz.

Denúncia

Em casos como o de Camila e de muitas outras mulheres, a denúncia é essencial. De acordo com o delegado Jucélio de Paula

issuu-downloader.com

Silva Rego, é importante sentir que há leis a favor da mulher.

Conforme o delegado, a denúncia é essencial para que o ocorrido não passe despercebido e até mesmo traga estatísticas mais coerentes com a realidade.

"A lei conhecida como Maria da Penha coloca à disposição da vítima diversas medidas protetivas, dentre elas, a que o agressor mantenha distância da mulher e dos familiares.

Nos casos de agressão, as vítimas podem solicitar essa medida, que é encaminhada para o poder judiciário, analisada e aprovada pelo juiz", destaca Jucélio.

Em alguns crimes, o réu responde a processo em liberdade, já, em outros, cumpre pena em regime fechado, conforme a gravidade do ocorrido.

"A mulher tem o direito de optar em ir à cidade que possui uma delegacia da mulher, caso o município da vítima não ofereça este tipo de atendimento", salienta o delegado, ressaltando a importância da ajuda especializada, no atendimento às vítimas.

As denúncias de casos de violência podem ser feitas pela Central de Atendimento à Mulher, pelo número 180. A ligação é gratuita e pode ser anônima.

Foto: Arquivo pessoal

Jucélio de Paula Silva Rego destaca a importância da denúncia

Enquete

Como **reduzir a violência** contra a mulher?

Daniel Carvalho
2º período de Jornalismo

> O primeiro passo vem da mulher. Ela deve ser corajosa o suficiente para ligar no disque-denúncia e denunciar o agressor. As leis deveriam ser mais severas para a punição dos agressores, sendo tratados olho por olho e dente por dente"
>
> **Carlos - Estudante de Direito**

> Começa com o respeito. É difícil. A gente sai e ninguém respeita. Também acho que as leis poderiam ser melhoradas. Termos uma resposta mais rápida da delegacia da mulher. Muitas vezes, demoram a ajudar e a mulher continua na zona de risco. A própria mulher também deve escolher melhor os caras com quem se relaciona"
>
> **Stéfani - Estudante de Recursos Humanos**

> Eu mulher deve denunciar e não ter medo. As autoridades também devem ser mais firmes, assim como a lei. A lei existe, mas não é cumprida"
>
> **Daniela -Estudante de Administração**

> A mulher, deve denunciar e não ter medo. As autoridades também devem ser mais firmes, assim como a lei. A lei existe, mas não é cumprida"
>
> **Daniela -Estudante de Administração**

> Acho que não existe solução. Aumentar a conscientização das pessoas de que isso não deve acontecer, através de campanhas e movimentos, pode ser um caminho. Claro, também, que a Justiça deve ser mais rígida com quem comete a agressão"
>
> **Júlia - Estudante de Publicidade e Propaganda**

issuu-downloader.com

O prazer de contar histórias

A jornalista Adriana Afonso nasceu na cidade de São Paulo, onde viveu até os sete anos de idade. Mãe de gêmeos , formou-se na Universidade de Uberaba (Uniube), em 1998. Antes de se tornar jornalista, trabalhou como balconista em lojas de aviamentos, roupas, aparelhos eletrônicos e em panificadora. O início da carreira foi no Jornal da Manha, quatro meses antes de se graduar. Atualmente, ela exerce a função de editora e apresentadora do jornal MGTV, na TV Integração, afiliada Rede Globo

Victor Matias
2º período de Jornalismo

Revela: Como você escolheu sua carreira?

Adriana Afonso: Eu sempre disse que queria ser uma jornalista. Nunca passou pela minha cabeça em ter outra profissão. Por exemplo, se fizesse aquela pergunta quando era criança: o que vai ser quando crescer? Eu dizia sempre que queria ser jornalista. Engraçado que ninguém da minha família seguiu a profissão e me inspirou. Acho que é vocação.

> Na minha época de estudante, os jornalistas tinham uma função de querer mudar o mundo

Revela: Por que você escolheu esta profissão?

Adriana: Na minha época de estudante, parece que faz muito tempo, os jornalistas tinham uma função mais revolucionária, de querer mudar o mundo e mostrar as coisas de uma maneira diferente. Não era só influenciar, mostrar para as pessoas a realidade no momento, mas mudar o mundo. Agora, vejo que este comportamento está se perdendo... o comportamento que me moveu para escolher esta profissão.

Revela: Quem te influenciou ou influencia no jornalismo?

Adriana: Tem muita gente bacana. Agora, está chegando gente que tem muito talento trabalhando em TV. A gente vê um novo modelo de repórter e apresentador, mas também sem esquecer que os jornalistas antigos tinham menos recursos que a gente tem hoje e faziam coisas maravilhosas. Não tem uma pessoa que me influenciou, mas eu gostei muito de prestar atenção nos jornalistas de impresso, jornais de circulação nacional, por exemplo, Folha S. Paulo e o Estado. A maneira com que eles estavam escrevendo. Procuro me inspirar todos os dias para fazer diferente o que faço há tanto tempo.

Revela: Em qual área do Jornalismo você prefere trabalhar?

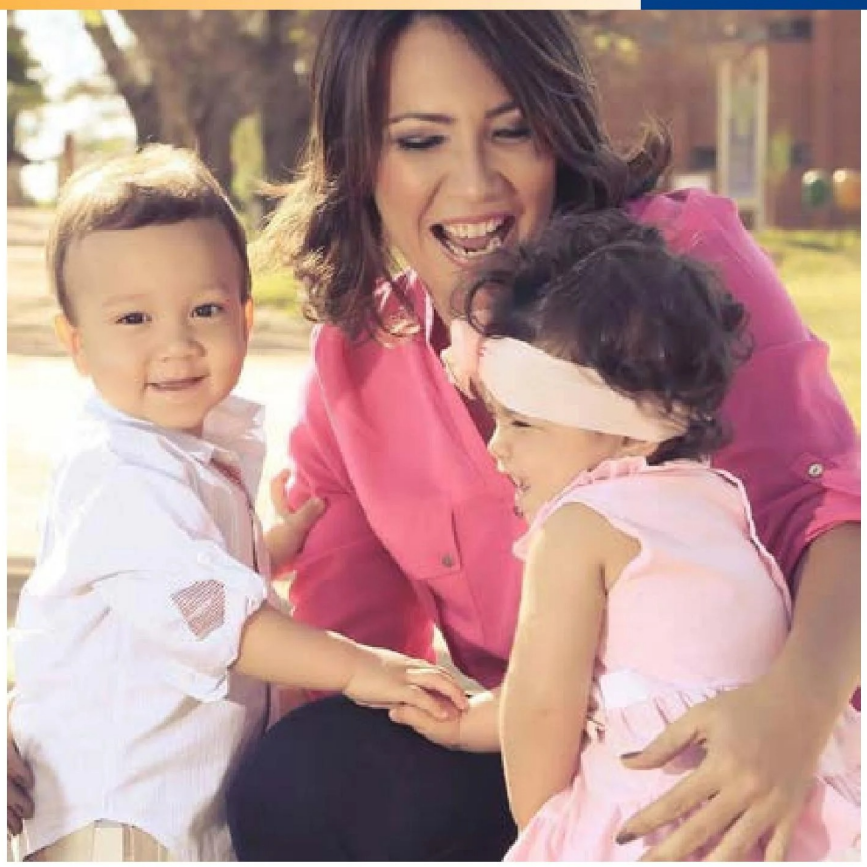
Adriana: Quando eu me formei, eu vi que era apaixonada pelo impresso. Foi por lá que comecei. Tem mais espaço para contar a história, com mais detalhes. A televisão não permite, por conta da necessidade da imagem e da restrição do tempo, mas, mesmo assim, sou apaixonada por TV.

Revela: Por que a TV tornou-se sua mídia preferida?

Fotos: Arquivo pessoal

Adriana Afonso comemora 20 anos de formada no próximo ano

issuu-downloader.com



Adriana é mãe de Arthur e Bianca e revela que tornou-se mais sensível à realidade humana no cotidiano

Adriana: A TV nos proporciona trabalhar sob pressão. Gosto disso! Trabalhar com a adrenalina do fechamento de um jornal. A televisão tem muito disso. Fechar tudo, da melhor maneira possível, com a correriazinha. Eu gosto.

Revela: Qual jornalista você admira?

Adriana: Não tem uma pessoa em especial, mas, atualmente, são as companheiras de empresa. Adoro o estilo da Sandra Annenberg. Ela consegue falar sério com a carinha séria, mas sem perder aquela leveza do ser humano. A notícia pode ser ruim ou boa, mas, se é a Sandra quem está falando, presto muita atenção.

Revela: Você prefere ser editora ou apresentadora?

Adriana: As duas coisas estão muito ligadas. Editar é muito bom. Quando chega aquele material bruto e você vai lapidar. Às vezes, o entrevistado falou cinco minutos, mas você descobre que aqueles dez segundos vão fazer a diferença. Apresentar também é bacana, talvez pela questão da visibilidade, o carinho que o público tem com a gente, mas a edição mexe mais comigo.

> “Adoro o estilo da Sandra Annenberg. Ela consegue falar sério, mas sem perder aquela leveza do ser humano

Revela: Qual foi a diferença entre a TV analógica e digital?

Adriana: A qualidade da imagem. Acho que fica mais prazeroso de assistir. Sem contar essas novas ferramentas que hoje você tem, como televisão no celular. Se você está numa fila, assiste ao jornal. A tecnologia permitiu isso. Ficou mais bonito de se ver e a gente está mais próximo das pessoas.

Revela: Como você se sente na equipe de Jornalismo de uma emisora que é líder de audiência?

Adriana: A gente não pensa muito que é líder de audiência. Mas o bacana de saber que se é líder de audiência é a responsabilidade a mais que a gente tem. É importante reforçar que o compromisso de fazer jornalismo é levar a notícia para o público, da melhor maneira possível, e da maneira mais compreensível possível, mas é um orgulho saber que estamos trabalhando numa TV que tem essas características.

Revela: O que você pensa do futuro do Jornalismo?

Adriana: Eu gostaria que os profissionais continuassem engajados com a imparcialidade que a gente aprende na faculdade. É levar uma notícia de maneira clara. Devemos sempre ouvir os dois lados. Tem problemas que devem ser mostrados, nem sempre iremos agradar todo mundo. Nem a reportagem bacana vai agradar todo mundo. Os profissionais que estão chegando, ainda mais agora que as notícias circulam rápido, devem ter cuidado.

Revela: E as redes sociais?

Adriana: O vídeo publicado numa rede social, por exemplo, tenho um pé atrás sobre a veracidade. Se você mostra uma história como verdadeira e expõe uma família, é muito ruim. Deleto essas pessoas da minha rede social na hora. Agora, se é para ajudar, se é uma história legal, aí é bacana. Agora, falando como jornalista, numa reportagem, a gente tem um cuidado especial, de apuração e de edição.

Revela: De que modo a maternidade te impactou enquanto jornalista?

Adriana: Acho que me deixou com uma visão um pouco menos fria e mais sensível da realidade humana. Dos dramas do cotidiano.

Revela: Aos olhos de uma jornalista-mãe, o que falta no hard news?

Adriana: Mais histórias de relevância para serem contadas é que façam a diferença na vida de alguém.

issuu-downloader.com

Foto: psicolog.com.br

Psicológo hospitalar minimiza **sofrimento emocional dos pacientes**

Carolina Oliveira
Letícia Reis
8º período de Jornalismo

A travessia da experiência do adoecimento não é fácil. A medicina faz o seu papel em diagnosticar, reconhecendo a doença por meio de sintomas. O paciente que vive momentos de dor, aflição, ansiedade, angústia, não aceitação de diagnósticos, tristeza, depressão, entre outros, precisa de cuidados complementares. O médico, muitas vezes, se preocupa com a parte técnica do caso, e não pode oferecer a devida atenção emocional ao paciente.

Doenças superam os limites da aceitação. As pessoas estão sempre em busca da melhora, mas o pensamento principal é a cura. Existem diversas medidas para ajudar os pacientes enfermos: palestras, músicas de motivação, jogos, leituras e orações. São medidas para minimizar o sofrimento do paciente. Existe também a psicologia hospitalar, que entra neste campo, não para curar a doença da pessoa hospitalizada, mas para minimizar o sofrimento emocional, que não deixa de estar presente na maioria dos casos. Os profissionais trabalham no intuito de aliviar o sofrimento causado pela internação, dando apoio e amparo aos pacientes internados e aos seus familiares, ajudando-os na luta em seu adoecimento com mais resistência e força.

História

No Brasil, estabeleceram-se registros da psicologia hospitalar a partir de 1980. Em Uberaba, a prática também enfatiza o bem-estar dos pacientes no Mário Palmério Hospital Universitário (MPHU), no Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e no Hospital Dr. Hélio Angotti. Sejam eles crianças, adolescentes, adultos ou idosos, independente da enfermidade: câncer, Aids, diabetes, hepatite, ou outras doenças que merecem cuidados paliativos.

A função dos psicólogos nestes hospitais é abrangente e estende-se a todas as áreas por meio de intervenções no leito (clínica médica e cirúrgica), nos ambulatórios, nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI's - adulto e neonatal), na hemodiálise etc. Os profissionais auxiliam na comunicação e proporcionam ao paciente e seus familiares um melhor entendimento sobre seu adoecimento e aceitação ao tratamento, atingindo, em boa parte dos casos, a evolução no quadro do paciente ou, ao

> "Chegamos tristes e saímos alegres - mesmo com tanto sofrimento - porque a gente vê que fez a diferença

issuu-downloader.com

menos, um sorriso.

"Há dificuldades, mas a sensação é muito boa, e de vitória! Eu falo muito isso, a gente vai para casa leve... Às vezes, temos alguns atendimentos pesadíssimos no hospital, aí você vai devagarzinho, resolvendo... e quando resolvemos, saímos de alma lavada. Às vezes, chegamos tristes e saímos alegres - mesmo vendo tanto sofrimento - porque a gente vê que fez diferença", conta a professora e supervisora de estágio em Psicologia Hospitalar, Wanda Lavinia Lepri Longas.

Objetivos

A psicologia hospitalar objetiva a diminuição da "dor", desencadeada pelo adoecimento, internação e tratamento, aspirando à melhoria do estado geral do paciente. Esta atuação ultrapassa a esfera específica das doenças graves e da terminalidade, atendendo o ponto da importância das emoções, em todo tipo de adoecimento, afinal, trabalha com as relações interpessoais e no desenlace de conflitos de forma abrangente.

A família

Durante o tratamento de qualquer doença, o paciente está sendo tratado, acolhido, cuidado, está fazendo terapia, e tendo o apoio de uma equipe multidisciplinar em seu tratamento. A família acaba se internando junto ao paciente, portanto, as intervenções da psicologia hospitalar também são realizadas com os familiares. "Às vezes, a gente usa a família como forma de orientar, de chegar até o paciente. Às vezes, o paciente está inconsciente. Na UTI, temos muitos pacientes inconscientes, sedados. Lá, basicamente, é no horário de visita que nós temos a permanência maior e mais intensa na unidade. Porque o familiar fica lá fora, esperando. É aí que gente faz esse suporte para a família", ressalta a psicóloga Wanda Lavinia.

A partida

Um caso ocorrido que exemplifica o trabalho da psicologia hospitalar é o da família do senhor Valter Donizetti Raimundo. Há 11 anos acamado, sofria muito internado em hospitais e, com isso, toda sua família sofria também.

Segundo sua irmã, Ivanir Raimundo, por onde ele passou, sempre foi bem atendido e tratado. Mas o destino resolveu tirar-lhe o sofrimento. Senhor Valter faleceu. "No hospital Mario Palmério, o médico responsável faltava carregar o Valtim no colo. Os psicólogos que realizavam a psicologia hospitalar nos ajudaram em todos os momentos, pois eu cuidei dele a vida inteira, e não deixo de sofrer", desabafa a irmã de Valter, Ivanir.

A psicóloga Juliana Sales Casaroti, voluntária e funcionária do hospital Doutor Hélio Angotti, conta que muitas vezes o familiar sofre muito mais que o próprio paciente. "Da mesma forma que causa o sofrimento, o adoecimento

> "Tudo o que fazemos está vinculado à humanização, a um cuidado integral com o paciente

causa a falta de aceitação aos pacientes e aos familiares, pois, juntos desse adoecimento, vêm muitos medos e angústias. Portanto, eles precisam de orientações. Nem todos aceitam. Tem alguns que são mais resistentes. Alguns até negam o atendimento da psicologia hospitalar. E, se não aceita a doença, é difícil querer falar sobre ela. A aceitação é o papel fundamental", explica a psicóloga.

Desafios

Mesmo com 65 anos de psicologia hospitalar no Brasil, os profissionais dessa área ainda encontram algumas dificuldades, como o reconhecimento do papel do profissional.

"A maioria das profissões não faz essa leitura do trabalho do psicólogo. Eles falam: Vocês só conversam? Só! Mas é essa nossa ferramenta de trabalho. É um trabalho que tem um perfil de humanização. Tudo que fazemos está vinculado com a humanização, e está vinculado com esse cuidado, um cuidado integral ao atender o paciente", afirma a psicóloga Wanda.

Você dorme?

Mara Poliana
4º período de Jornalismo

Enquanto navegava pelo feed de notícias do Facebook, me deparei com várias postagens com o seguinte questionamento: "Qual é o nome que não te deixa dormir?".

Quase nada nos deixa dormir. Somos pressionados. O relógio não nos deixa dormir. Sofremos de falta de tempo. Você sabe, é tipo asma. Bem que podiam inventar um inalador para prevenir os sintomas dessa falta de tempo, que não são poucos.

A sociedade não nos deixa dormir. Reprimidos, somos obrigados a não sermos nós mesmos. Diante disso, vivemos em confronto com o ego e superego, entre os nossos desejos e normas sociais. Na falta de coragem, cedemos ao que é mais prático. A lista de como ser uma boa filha, mãe e esposa nunca nos deixará dormir. É preciso cumpri-las como uma lista de supermercado. Quando falhamos, parece que deixamos de ser gente. A vida não perdoa fácil.

A ansiedade, este mal do século, não nos deixa dormir. As preocupações como, até os 20 anos - é preciso estar na faculdade, até os 30 - comprar um apartamento, aos 40 - ter uma carreira bem sucedida, nos deixam desassossegados e resultam em um mal estar físico e psíquico.

A saudade não nos deixa dormir. A ausência de alguém que partiu, seja para qualquer mundo, deixa um vazio na alma. A dor da falta perturba, tira o chão e nos deixa com a incerteza se amanhã realmente tudo vai ficar bem, como pregam.

O amor, meu caro, nunca deixou ninguém dormir. A paixão, que é avassaladora e sem limites, logo incendeia e dispara o coração. Já o amor, parece que faz questão de nos ensinar que rima com a dor.

Enquanto respiramos, são vários nomes que não nos deixam dormir. São os privilégios de quem vive. Mas, para quem deseja saber, o nome que não me deixa dormir é o medo. Medo de nunca mais ter um nome que não me deixa dormir.

Foto: icanandiwill.co.k

issuu-downloader.com

A luta contra as drogas em Uberaba

Além do combate à dependência, a dificuldade é regressar à sociedade

Tatiane Pinheiro
4º período de Jornalismo

O tráfico e o consumo de drogas em Uberaba tem aumentado a cada dia, fazendo reféns do vício centenas de pessoas, na maioria, jovens. A equipe de Rondas Ostensivas de Tático Móvel (Rotam) foi acionada no dia 28 de junho para realizar busca e apreensão no bairro Abadia.

No local, era realizada uma grande movimentação e comercialização de drogas. Após abordagem, foram localizadas cerca de 50 gramas de crack, balança de precisão e uma pequena quantia em dinheiro. Segundo o cabo Aurélio Barroso Palhares da Silveira, entre as explicações para o aumento dessas ocorrências está o aumento dos usuários de drogas e das pessoas em situação de rua terem aumentado.

Além do consumo, outro hábito chama a atenção em Uberaba : a compra de roupas que fazem apologia ao uso da droga. São imagens da folha de maconha estampadas em camisetas, bonés e bermudas. A polícia vem fechando o cerco nesse sentido também, combatendo o crime de vendas inapropriadas dessas roupas. Várias peças já foram apreendidas em alguns bairros da cidade por meio de denúncias anônimas.

> Todos que entram na casa ficam, no máximo, nove meses

Abordagem Social

Uma estratégia para diminuir os impactos da criminalidade tem sido desenvolvida pela Abordagem Social. Os profissionais da Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes) abordam, aconselham e encaminham essas pessoas para o albergue, que serve como casa de apoio ou para os diversos pontos de serviço da Rede de Atenção Psicosocial (Raps). Nesta rede, estão incluídos as Unidades Básicas de Saúde (UBs) e a Dona Maria Modesto (antigo Sanatório Espírita).

Alguns desses moradores de rua não aceitam ajuda, o que torna difícil a recuperação. Outros aceitam, mas, em curto prazo, voltam para as ruas.

Alguns são salvos pela própria família, que os resgata das ruas e os encaminham para casas de recuperação de dependentes químicos.

Foto: cnjuberaba.blogspot.com

Os internos da Nova Jerusalém trabalham na manutenção do local como parte do tratamento

Nova Jerusalém

A Nova Jerusalém é uma dessas entidades de recuperação. Realiza atendimento privado no valor de R$ 1.000,00 por mês, atendendo também pacientes gratuitamente.

De acordo com Paulo Sérgio de Abreu, um dos coordenadores da Casa, muitas vezes a família não tem condição de pagar pelos serviços, mas se o dependente quer se tratar, eles abrem exceções e atendem sem cobrar nada. Os internos têm uma rotina fundamentada na responsabilidade e no compromisso.

"Todas as tarefas de casa, desde lavar a roupa, cuidar do jardim, fazer comida e arrumar os quartos, são realizadas por eles. Eles também jogam bola e cuidam da horta e participam de missas semanalmente. Tudo para ocupar a mente e se livrar das drogas", reforça Paulo.

É uma grande batalha. Além de passar nove meses dentro da casa, quando saem começam outra luta: a competição por uma vaga no mercado de trabalho, a inserção na sociedade ainda preconceituosa e a aceitação da família.

A caminhada é longa e necessita de força de vontade e persistência. "Todos que entram na casa para se tratar ficam, no máximo, nove meses. Depois, continuam sendo acompanhados pela equipe de psicólogos da casa e participam de reuniões dos Narcóticos Anônimos na cidade, sendo inseridos novamente na sociedade", afirma o coordenador.

História de vida

Paulo já foi um interno da casa e chegou ao ponto de comer comida azeda em prédio abandonado por conta do uso abusivo do crack.

Levou uma facada na barriga e outra no olho, ficando entre a vida e a morte no hospital. Resolveu buscar ajuda e encontrou a Nova Jerusalém, que o ajudou muito e o ajuda até hoje.

Além de exercer a função de coordenador da casa, ele compartilha seu depoimento com os internos, como forma de incentivá-los.

issuu-downloader.com

Por que não legalizar?

Ianê Arantes
8º período de Jornalismo

O atual modelo proibicionista do consumo da cannabis, a conhecida maconha, não traz benefícios diretos. A legalização vem sendo discutida em busca de novos mecanismos de enfrentamento da guerra contra as drogas. É inegável o grande fracasso da presente política.

Se a erva faz mal ou não, esta não é a discussão central. A maconha é consumida e continuará sendo, em razão de diferentes questões que envolvem razões econômicas e comportamentais. Mais do que liberdade individual, a legalização da maconha é também um assunto de segurança pública e de direitos humanos. Não se trata simplesmente do bem ou mal que o uso traz, mas do mercado que fomenta. Qualquer pessoa compra maconha a hora que quiser por "preço de banana". Liberar o consumo e legalizar o mercado fornecedor seria dar um golpe nos traficantes, que se tornariam mais fracos e descaptalizados. Desta forma, poderia haver uma diminuição da violência e da própria corrupção que envolve os aparelhos do Estado.

> Qual a justificativa para impedir que comprimidos cheguem a quem poderia se beneficiar com o uso?

No entanto, há temas para serem analisados. Quem ficaria encarregado da produção e comercialização da maconha: o Estado ou a iniciativa privada? Seriam autorizados cultivos para consumo pessoal? Esse cultivo teria limite? A que preço a droga seria vendida e onde? Mesmo com tantas dúvidas, parece mais sensato analisar estes aspectos e avançar, do que simplesmente declarar guerra à maconha.

É irracional ser a favor do livre consumo de tabaco e de álcool. Segundo o Ministério da Saúde, milhares de pessoas morrem em decorrência do abuso do álcool e do tabaco, (ambas substâncias, lícitas) . O uso da erva sequer aparece nos relatórios, pois, é raro alguém morrer por overdose de cannabis, no entanto, é ilegal. Mais do que isso, os dados se invertem se formos analisar as mortes decorrentes do tráfico ilegal e da guerra das drogas. Estudos mostram que nos anos 1960, mais de 60% dos adultos brasileiros fumavam cigarro. Hoje, são 15% a 17%, números que não param de cair, pois estamos aprendendo a lidar com a dependência de nicotina, a esclarecer a população a respeito dos malefícios do fumo e a criar regras de convívio social com os fumantes. Por que o mesmo não pode ser feito com a maconha?

Foto: jornaldebrasilia.com.br

Como disse o Dr. Drauzio Varella: "Legalizar não significa liberar geral. É possível criar leis e estabelecer regras que protejam os adolescentes, disciplinem o uso e permitam oferecer assistência aos interessados em livrar-se da dependência".

O dinheiro gasto na repressão seria melhor utilizado em campanhas educativas, que possam explicar às crianças e adolescentes que drogas psicoativas fazem mal, prejudicam o usuário em diversas áreas de sua vida, além de escravizar.

Outra questão que merece ser pensada é o uso medicinal. O componente psicoativo da planta pertence à classe dos canabinoides, substâncias dotadas de diversas propriedades medicinais. Por que ignorar? Qual a justificativa para impedir que comprimidos derivados da erva cheguem a quem poderia se beneficiar com o uso? Onde está o bom senso em entregar o bem-estar de pessoas doentes para os traficantes?

A descriminalização deve ser percebida como uma possibilidade de distanciar o usuário do traficante e implementar uma política de redução de danos.

issuu-downloader.com

Fotos: Arquivo Pessoal

Futebol americano **busca reconhecimento** no cenário brasileiro

Para equipes mineiras, a disputa por território não acontece apenas dentro do jogo

Thaís Contarin
8º período Jornalismo

O futebol americano é um esporte em plena ascensão no Brasil. De acordo com dados publicados pela ESPN, emissora que transmite os jogos da NFL, principal liga de futebol americano dos Estados Unidos, foi registrada, no Brasil, uma média de 123 mil telespectadores por jogo na temporada 2013/2014. Na temporada anterior, a média era de 53 mil telespectadores por partida. Esse número representa um aumento de 132% de audiência durante um ano. "É um esporte muito bonito, de muita disciplina, de respeito, de companheirismo", afirma Phillipe Benencase, técnico e fundador do Araxá Red Wolves.

Objetivos comuns

Phillipe morou nos Estados Unidos nos anos de 2003 e 2004. Durante esse tempo, o técnico da equipe cursou o High School e participou do time de futebol americano na escola em que frequentava.

Em 2007, Phillipe tentou criar um time em Araxá, contudo, não obteve sucesso. Foi só em abril deste ano que o Red Wolves foi fundado. Agora, o interesse das pessoas pela prática do esporte é visto com outros olhos. "Fiquei muito surpreso, pois não esperava que Araxá tivesse tomado uma proporção tão grande nos adeptos ao futebol americano", confidencia o técnico.

O Red Wolves conta com aproximadamente sessenta atletas, entre homens e mulheres. O time feminino joga a modalidade flag. Nessa modalidade, o contato corpo a corpo é menor. "Cada jogador tem uma cinta e, em torno dela, tem umas bandeiras. Para parar as jogadas elas precisam ser retiradas pelo adversário", explica Rafael Balieiro, integrante da equipe araxaense.

O objetivo do flag é evitar traumas e lesões graves, mas, também, serve como opção para quem quer praticar o esporte e não tem condições de adquirir o equipamento.

O time masculino do Red

issuu-downloader.com

Foto: Thaís Contarin

O Uberaba Zebus iniciou a prática do esporte em abril de 2015

> Hoje, na verdade, o que a gente quer é trazer a prática do futebol americano por toda a região

Woves joga no formato tradicional. De acordo com o técnico e fundador do time, a equipe vem correndo atrás dos equipamentos para poder jogar a modalidade full pad. Nesse modelo de jogo, utiliza-se o shoulder, que são as ombreiras, e o capacete, também conhecido como helmet.

Para Rafael Balieiro, jogador da equipe, o futebol americano está mais presente em nosso dia a dia do que imaginamos. "Desde menino a gente tem esse contato com o esporte em vários filmes americanos, então acaba surgindo o interesse, você procura saber", explica.

A equipe de Uberaba também teve a prática do esporte firmada em abril de 2015. O projeto do time já existia há cinco anos e, segundo Diego Reis, head coach – técnico principal – do Zebus, foi apenas depois de duas tentativas que a equipe tomou forma. "Nós tentamos montar esse time duas vezes e, até antes da última seletiva, o máximo de pessoas que vinha treinar eram sete ou oito."

Atualmente, o Zebus conta com cerca de cinquenta atletas no hoster – elenco – e para Luis Paulo, fundador da equipe, nem sempre o resultado em campo é o mais importante. "Hoje, na verdade, o que a gente quer é trazer a prática do futebol americano por toda a região".

Um dos fatores que contribuíram para o sucesso na montagem da equipe foi a experiência vivida por alguns dos atuais membros no Uberlândia Lobos. "O time não ia pra frente, então, em janeiro, eu e mais três pessoas fomos para Uberlândia. Nós vimos que não era tão difícil montar o time se seguíssemos as diretrizes corretas", declara Luis Paulo.

O time participou do Campeonato Mineiro e do Campeonato Brasileiro. Não se classificou para as rodadas finais, mas considerou positivas as experiências. Atualmente, a maior expectativa gira em torno da reestruturação da equipe para os futuros campeonatos do próximo ano.

Red Wolves e Zebus são equipes novas no cenário do futebol americano regional e nacional, entretanto, se engana quem pensa que o esporte é novidade no Triângulo Mineiro.

Os campos do Parque do Sabiá, em Uberlândia, recebem adeptos da prática esportiva há oito anos. O futebol americano é praticado na cidade desde 2007, no entanto, a equipe do Lobos só teve sua fundação realizada em novembro de 2008.

De acordo com Diogo Silva, integrante da diretoria e jogador da equipe, o número de atletas que compõem o time varia ao longo do ano. "Durante as disputas de campeonatos, chegamos a ter 100 atletas. Geralmente, varia entre 60 e 100."

Dentre o número de atletas, também estão incluídos os jovens de 14 a 18 anos que pertencem à categoria de base. Segundo Diogo, o projeto começou de forma isolada, com dia e horário próprios para o treinamento.

issuu-downloader.com

"Nós começamos a perceber que os atletas da base se desenvolviam com muito mais rapidez do que os adultos, por isso, decidimos juntar os treinos e hoje eles treinam com a gente, mas sem o contato físico."

O projeto da base começou em novembro de 2013 e os resultados já são surpreendentes. Dois jogadores da equipe conseguiram bolsa de estudo para fazer o High School nos Estados Unidos por meio do esporte.

Atualmente, por questão de logística, os Lobos disputam a Fefasp, Super Copa São Paulo. O torneio é disputado por equipes de São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais. "Além disso, agora tem o Campeonato Mineiro e o Desafio do Triângulo, torneio disputado durante um fim de semana. O Desafio é uma ideia que já virou tradição pra gente. Os times de São Paulo e Brasília sempre vêm. É uma forma de favorecer os times que estão surgindo agora", explica Diogo.

> "Conseguimos colocar cerca de 300 a 500 pessoas nas partidas. Uma média maior que o futebol amador de Uberlândia

Foto: Arquivo Pessoal

Para a manutenção do time, os atletas do Red Wolves arcam com cerca de 90% das despesas

Por já ser uma equipe de tradição, o Uberlândia Lobos já conta com uma torcida específica. De acordo com Tiago Morais, presidente da equipe, o público dos jogos vem crescendo cada vez mais. "Já conseguimos colocar cerca de 300 a 500 pessoas nas partidas. Uma média até maior que o futebol amador de Uberlândia. O público vem comparecendo bastante. Nossa página no Facebook já conta com mais de 6 mil curtidas, então eu acredito que a cada dia os resultados vêm melhorando", comemora Tiago.

A expectativa, agora, é que o número de times praticantes do esporte possa aumentar. Araguari, Patos de Minas e Ituiutaba já possuem projetos para a criação de suas equipes locais.

Desafios

O desafio de criar e manter uma equipe de futebol americano no Brasil não é tarefa fácil. Para Tiago Morais, presidente do Lobos, o esporte ainda esbarra um pouco na cultura e na falta de informação. Outra dificuldade enfrentada, principalmente pelos times de Minas Gerais, é a ausência de uma federação no Estado.

A questão do investimento para a profissionalização do esporte também é um entrave. "Todo ano que vira é uma luta, a gente precisa correr atrás e planejar pra conseguir estar em todos os eventos. Se não fosse pelos atletas, que ajudam com 90% da manutenção do time, talvez a gente não conseguiria estar em todos os eventos e atuar em tantos campeonatos de nível nacional como a gente vem atuando", destaca Diogo, do Lobos.

Segundo Phillipe Benencase, ainda existe outro problema. A dificuldade de encontrar investidores no interior ainda é maior do que nas capitais, onde o esporte já vem sendo muito bem visto.

Contudo, os desafios enfrentados parecem não interferir na disseminação do esporte pelo território nacional.

"Hoje, o foco do futebol americano, por incrível que pareça, não é na região Sudeste. A Liga Nordestina é muito forte. No Norte, em Manaus, tem oito times. O Sul tem uma liga muito profissional também. Então, o Brasil inteiro pratica o esporte", explica Luis Paulo.

Tiago Morais ainda destaca que muito times, apesar de amadores, possuem uma estrutura muito grande. Os atletas têm alojamento, academia, preparador físico, nutricionista e muitos times contratam americanos para jogar a liga nacional.

Para o head coach da equipe uberabense, o segredo para que o futebol americano continue crescendo no país é até bem simples. "O futebol americano no Brasil ainda é muito novo, então, o que a gente precisa é de cooperação entre os times", finaliza Diego.

issuu-downloader.com

Slalom atrai adeptos em Araxá

A modalidade que mais cresce dentro da patinação veio da Europa

Débora Duarte
4º período de Jornalismo

Foto: Débora Duarte

O grupo de patinação PSMG já conta com cerca de 60 participantes que se reúnem para praticar o esporte

Quatro rodinhas, inúmeras manobras associadas a uma grande técnica e estilo. A modalidade de patinação Slalom está ganhando cada vez mais adeptos e tem se tornado a nova aposta em Araxá para quem busca uma ferramenta para exercitar o corpo e aliviar o estresse do dia a dia.

O Slalom Freestyle é uma modalidade de patinação originada da Europa e que existe desde o início dos anos 90. Os patinadores executam acrobacias, danças e manobras ao redor de cones.

O estudante de Engenharia Elétrica, Alan Lemes, começou a andar de patins na infância apenas como brincadeira. Hoje, aos 21 anos, após conhecer o Slalom, viu uma oportunidade de aprimorar a técnica na patinação. "Sempre tem algo para aprender e ir além. Os benefícios são muitos: fortalece a coluna, trabalha abdômen, pernas e glúteos, melhora o equilíbrio e a postura corporal. Além de ser divertido, ainda emagrece e define."

> "Fortalece a coluna, trabalha o abdômen, pernas, glúteos e postura corporal

Os patinadores que optam pelo Slalom precisam de um ritmo intenso e rápido durante as manobras, para que sejam realizadas com precisão.

O mecânico Luís Felipe de Souza destaca o diferencial da Slalom. "Ele te desafia todo momento, pois não é aquela coisa de só andar pra frente, cada dia você aprende uma manobra nova, sempre tem algo para se superar", conta.

PSMG

Araxá recebeu, no Parque do Barreiro, evento da modalidade com o grupo Patinação Slalom Minas Gerais, o PSMG. Eles reuniram membros dos grupos da região e atletas reconhecidos na patinação, como o bicampeão Sul-Americano, Rodrigo Morgado, que ministrou um workshop sobre o esporte.

O grupo PSMG teve início em 2009, apenas com treinos para poucos amigos. Hoje, conta com cerca de 60 participantes. O grupo promove encontros semanais, abertos a todos que se interessem pelo esporte. O intuito é promover a prática do Slalom e dar oportunidade para novos praticantes conhecerem a modalidade.

O policial militar Carlos Gutemberg Lima é um dos idealizadores do projeto. "Em quase 30 anos no esporte, fiz amigos, conheci lugares, aprendi muitas lições. Hoje, me dedico a compartilhar essa paixão com quem queira, pois toda minha vida está relacionada à patinação."

Novos apaixonados

O gerente de produção, Pedro Augusto de Souza, relata que no início tinha muito medo de cair, mas hoje já consegue dominar os patins. "O esporte passou a ser uma espécie de terapia pra mim. Quando estou patinando, me desligo de tudo ao meu redor e me sinto muito bem."

Diversão e profissão

Rodrigo Morgado, atleta nacional da modalidade, começou a patinar na adolescência apenas por diversão. Abandonou os patins alguns anos depois e só voltou a se interessar pelo esporte em 2008, quando conheceu a modalidade Slalom Freestyle e se apaixonou.

No mesmo ano, profissionalizou-se e, em 2010, conquistou o primeiro lugar no Campeonato Brasileiro.

Hoje, Rodrigo Morgado é técnico e organizador de um grupo de patinação: Brasil Slalom Série. O grupo promove campeonatos e workshops de patins em todo o país, cujo objetivo é ensinar e divulgar o esporte para as pessoas. "Tenho prazer em fazer isso. Pois é mais que um esporte, é uma diversão, um encontro de amigos. Auxilia a saúde física e intelectual", conclui.

issuu-downloader.com

O segredo do **sucesso da triatleta**

Jane Porfírio Magriotis teve seu primeiro contato com o esporte aos 15 anos. Passou por muitas dificuldades, venceu o preconceito e, de lá para cá, não parou mais. Hoje, aos 51 anos, é triatleta. A campeã é motivo de muito orgulho para a cidade de Araxá pelas suas conquistas e pelo exemplo de superação. Com três filhos, ela enfrenta a dificuldade de conseguir conciliar sua vida profissional com a pessoal

Talyson Oliveira
6º período de Jornalismo

Revelação: Dos esportes que você pratica, qual foi o seu título mais importante?

Jane Porfírio: Joguei tênis, fiz mountain bike profissional e, hoje, pratico triathlon. Dessas modalidades que eu pratiquei e ainda estou praticando, a competição que mais me marcou foi quando eu fiquei em quarto lugar no campeonato mundial lá na Austrália. Fui a quarta melhor biker do mundo e subir no pódio, levantar a bandeira do Brasil em um lugar tão distante me marcou muito, por estar representando o país lá do outro lado do mundo.

> Há 40 anos, uma mulher praticando esporte era algo considerado feio

Revela: Como você se sente pela responsabilidade de representar Araxá no Brasil e no exterior?

Jane: Sempre olhei meu esporte com muita responsabilidade e dedicação. Representar Araxá no Brasil e o Brasil nas competições internacionais é um motivo de muito orgulho. No mundial de Mountain Bike, na Austrália, quando me deram a bandeira do Brasil e subi no pódio com ela, representando nosso país em outro lugar do mundo, foi motivo de muita alegria, realização e satisfação.

Revela: Você joga tênis, é dona de uma escola, e praticante de duas outras modalidades, qual a maior dificuldade para quem inicia no esporte?

Jane: Quando se começa criança a praticar qualquer tipo de esporte, a maior dificuldade é o apoio financeiro e os patrocinadores. É preciso ganhar, mostrar resultados para conquistar o patrocínio. Hoje, no Brasil, temos grandes talentos que, infelizmente, não são valorizados de forma alguma. Por isso, acho que a maior dificuldade é o próprio reconhecimento desses talentos. Mas sempre com muita dificuldade. Quem quer corre atrás. A dificuldade é para todos, mas quem quer mesmo corre atrás e você consegue.

Revela: Como você analisa o preconceito enfrentado pelas mulheres?

Jane: Há 40 anos, como no meu caso, uma mulher praticando esporte era algo considerado feio. Falavam que eu parecia homem. Nos dias atuais, as pessoas, vendo os benefícios que o esporte traz, principalmente às mulheres que não querem engordar, ter celulite, nem ficar com a autoestima baixa, o conceito é outro conceito. Mulheres malhadas são bonitas. A liberdade de expressão ajudou muito a acabar com o preconceito da mulher no esporte.

Revela: A que se deve o aumento do número de mulheres que se destacam no esporte?

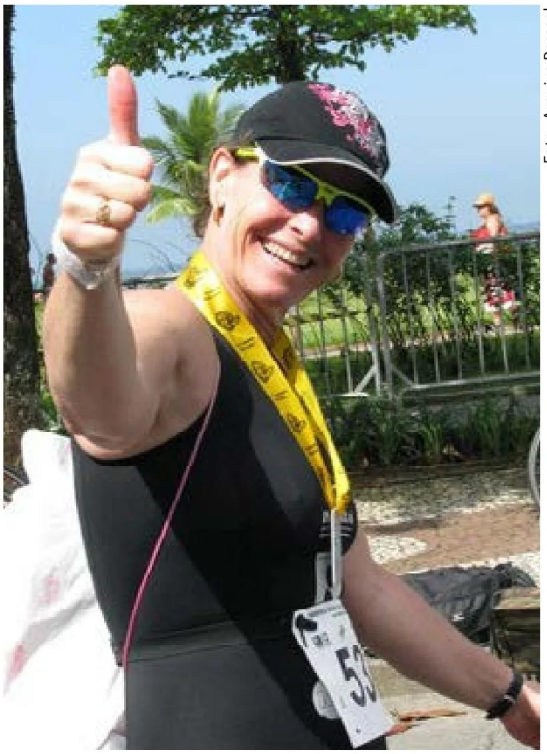


Foto: Arquivo Pessoal

Primeiro contato de Jane com o esporte foi aos 15 anos

Jane: À questão da autoestima. Hoje, a mulher que pratica esporte é sempre de bem com a vida, é mais feliz. Ela fica com o corpo avantajado em relação a quem não pratica nada. Por exemplo, em mulheres acima dos 40 anos, a tendência a depressão é muito grande. A mulher que pratica esporte passa essa por essa fase sem problema nenhum. Então, hoje as mulheres aderem é por qualidade

issuu-downloader.com

> Persistência e fé são as duas coisas que regem a minha vida. São os meus pilares

de vida.

Revela: Qual foi o momento mais complicado da sua vida?

Jane: Foi em 1996. Eu havia acabado de chegar da Austrália com a autoestima lá em cima, a quarta melhor biker do mundo. Fui correr em Campinas e levei um tombo logo na largada. Tive fratura de crânio e fiquei em coma por alguns dias. Isso me marcou muito, pois não entendia por que aconteceu comigo. Hoje, vejo que foi uma sacudida que a vida me deu para mudar e viver a outra parte dela, que foi a realização do sonho de ser mãe.

Revela: De que forma este acontecimento lhe deu forças para continuar lutando?

Jane: Nos dias em que eu acordei do coma, vi o que havia acontecido e a família toda era contra minha continuidade no Mountain Bike. Fiquei muito triste. Sou uma pessoa que adora desafios, por isso, não desanimei. Daí, conheci meu marido e um ano e meio depois já estava casada. Dois anos depois, veio meu primeiro filho. Isso tudo me deu forças, comecei a viver uma nova fase, que estava adormecida. A minha vida antes era só treinar, competir e a odontologia - eu era dentista. Não tinha ainda vivido a maternidade. Então, considero que ao mesmo tempo que foi um momento difícil, foi um grande momento para a nova fase da minha vida.

Revela: Qual foi o momento mais marcante da sua vida pessoal?

Jane: Foi o nascimento dos meus filhos. Quando veio a Carolina, a minha primeira filha, e eu vi aquela nenenzinha, puseram ela no meu colo e eu falava: meu Deus, isso aqui é meu... saiu de mim. Foi um momento de grande realização. Depois, vieram o Luís Felipe e o Alexandre. Acho que o momento ali, de ser mãe, não existe competição, nem campeonato, não existe nada maior do que aquela coisa forte e grandiosa.

Revela: Qual é o segredo para ser triatleta, mãe de três filhos e administradora?

Jane: Costumo dizer que que a coisa mais difícil da minha vida é administrar meu tempo para dar conta do meu dia a dia. O segredo é acreditar que vai conseguir. É um desafio que eu gosto muito. Eu treino três esportes, tenho meus três filhos e cada um com suas necessidades, tenho que administrar minha quadra de tênis, ajudar meu marido na fazenda, ser dona de casa e esposa. Quando eu acabo meu dia, eu falo: "meu Deus, muito obrigada!" O segredo é a gente ter fé numa força acima da gente, que está sempre nos guiando, e ter persistência. Persistência e fé são as duas coisas que regem a minha vida. São os meus pilares.

Foto: João Lima

Os filhos de Jane já se destacam no tênis como os melhores em suas categorias em torneios nacionais

Revela: É difícil ser Jane Porfírio?

Jane: Eu acho que Jane Porfírio e Maria da Silva são a mesma coisa. Não me considero melhor do que ninguém, pelo contrário, sou igual a todos. Agora, em relação ao trabalho, eu trabalho muito. Essa é a dificuldade... administrar meu dia, uma coisa pesada, mas cada um tem as suas tarefas. Jane Porfírio é a uma mulher, uma mãe, uma dona de casa. Uma pessoa que ama a vida, que gosta de ver o dia amanhecendo, adora uma chuva. Eu acho muito fácil ser Jane Porfírio.

Revela: Dizem que "filho de peixe, peixinho é". O que representa esse ditado para você?

Jane: Foi uma surpresa. Para mim, é uma realização gigantesca ver meus filhos jogando, gostando de competir e do esporte, com a raça e a garra de competir que eu sempre tentei passar para eles. A minha intenção é que os meus meninos passem a adolescência no esporte, para dar a eles qualidade de vida, para adquirirem disciplina, respeito e muita saúde. O meu objetivo de ter feito a minha quadra de tênis foi justamente ingressá-los no esporte. Agora, de repente, eles ficando entre os melhores do país na categoria deles, para mim é muito gratificante, uma realização imensurável, que eu nem consigo falar sobre ela. É maravilhoso".

Revela: Defina, em uma frase, Jane Porfírio, desde do primeiro contato com o esporte até hoje.

Jane: Era uma criança que pegou uma bolinha de tênis com a raquete e achou que a vida era a coisa mais bela do mundo. Hoje, uma mulher, mãe e dona de casa vê o esporte como a grande realização de sua vida.

issuu-downloader.com

Clube do Chevette preserva **história dos carros em Araxá**

João Paullo Ferreira
2º período de Jornalismo

O Clube do Chevette foi criado em Araxá por um grupo de apaixonados pelo veículo. O principal objetivo é reunir os donos dos modelos do automóvel e incentivar a conservação dos veículos.

Criado em novembro de 2014, o clube tem reuniões semanais. Os membros abordam assuntos como a mecânica e estética dos carros, além de falar sobre viagens e passeios. São realizados também encontros abertos à população .

O diferencial dos "cheveteiros"é, justamente, a escolha em manter a história do clássico, cujo último modelo foi lançado em 1993. Ao todo, foram produzidos no país 1 milhão e 600 mil veículos do modelo.

> "É bem complicado achar peças para estes modelos, mas é um carro pequeno e tem o seu charme

Segundo o mecânico e integrante do clube, José Henrique Pereira, na infância, o pai tinha um Chevette 78, o que contribuiu para sua paixão pelo carro e também pela marca Chevrolet. Ele explica que a manutenção dos veículos é o diferencial. "É bem complicado achar peças para esses modelos, principalmente, os mais antigos, mas é um carro pequeno, econômico e tem o seu charme."

Apesar das dificuldades, os organizadores afirmam que 90% dos cheveteiros não pensam em vender os veículos, somente trocar ou adquirir outros, pois são sinônimo de diversão e aventura.

"É um prazer executar a manutenção. Eu mesmo gosto de saber porque descubro como o Chevette está. Fui aprendendo com meu pai e com um amigo. É muito legal cuidar."

A paixão do instrutor técnico de mecânica industrial e membro do clube, Victor Paulo Bittencourt Silva, surgiu na

Foto: João Paullo Ferreira

Cheveteiros se reúnem uma vez por semana para trocar experiências sobre os veículos e falar sobre encontros e demais viagens

junventude. "Por volta dos 17 anos, adquiri o meu primeiro carro, um Chevette. Buscava um veículo simples e esta foi a melhor opção."

Sentimento é uma das palavras que traduzem o Clube do Cheveteiro. A cada reunião, a amizade se fortalece. O movimento Rat Look tem origem Europeia e teve inicio pela próprias condições econômicas de cada região.

Movimento Rat Look

Na década de 70, grande parte dos jovens não tinha condições para adquirir um carro novo. A saída era comprar carros antigos, com preços baixos. Um arranhão ali, um amassado aqui, não tem problema, desde que o carro tenha boa mecânica e transporte seus donos. No Clube do Chevette de Araxá, há adeptos do estilo que se divertem com as marcas do tempo nos veículos. "Esse meu é ano 77 e pretendo não vender", diz o integrante do clube, Victor Paulo Bittencourt.

issuu-downloader.com

Museus buscam dinamismo para atrair visitantes

Giovanna Hermice
4º período de Jornalismo

Museus são fontes de saber e conhecimento e, cada vez mais, estão se reinventando e tornando-se dinâmicos. Para acompanhar as mudanças, na década de 70, houve um movimento conhecido como "nova museologia", que mudou a visão de um museu tradicional para um museu social. Neste novo modelo, o patrimônio cultural está a serviço do homem e não o inverso.

"A visão das pessoas de que o museu é como um templo com obras estáticas deve ser desmitificada. Para as pessoas se sentirem pertencentes a estes patrimônios culturais, os museus não são mais estáticos, esperando o público, mas buscam, a partir de oficinas educativas, como ações nas escolas, formar um público jovem, criar museus ao ar livre, conhecidos como eco museus e exposições temáticas", afirma o museólogo da Fundação Cultural de Uberaba, Carlos Vitor.

Uberaba conta com cinco museus.

Foto: JFolha de Uberaba

O Museo de Peirópolis funciona onde era a antiga estação

Visite

Museu do Zebu
O museu do Zebu Lamartine Mendes é a maior entidade representativa das raças zebuínas. Foi aberto em 1984, durante a 50º ExpoZebu. A instituição tem como mantenedora a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ).

Visitação: segunda a sexta, das 13h30 às 17h30
Local: Pça. Vicentino Rodrigues da Cunha, 110, Parque Fernando Costa

Museu de Arte Sacra
Está instalado na Igreja Santa Rita, construída no ano de 1854. A construção foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1939. O acervo é rico em peças barrocas dos dois últimos séculos e possui diversificado número de peças doadas pela Cúria Metropolitana.

Visitação: segunda a sexta, das 7h às 18h, e sábado, das 9h às 13h
Local: Pça. Manoel Terra, Estados Unidos

Mada
Museu de Arte Decorativa de Uberaba (Mada) está instalado onde era uma fazenda do ano de 1916. O acervo conta com uma biblioteca, móveis e porcelana inglesa da década de 20.

Visitação: segunda a sexta, das 12h às 18h
Local: Rua Maria de Lourdes Melo Colli, s/n, Bairro Estados Unidos

Museu dos Dinossauros
A maior atração do museu é o rico acervo de fósseis de dinossauros e outros vertebrados. Conta ainda com painéis explicativos sobre a evolução da vida e dioramas que reconstituem os cenários da vida e dos animais e vegetais que habitaram a região de Uberaba há milhões de anos.

Visitação: terça a sexta, das 8h às 17h; sábado, domingo e feriados, das 8h às 18h
Local: BR 262, km 784, Bairro rural de Peirópolis

Museu Chico Xavier
Também conhecido como Casa de Memórias e Lembranças de Chico Xavier, é em homenagem a um dos maiores ícones do Espiritismo mundial. O local é a casa onde o médium morou desde a chegada em Uberaba e apresenta móveis e objetos pessoais do líder espírita.

Visitação: segunda a sexta, das 8h às 11h e das 13h às 17h30
Local: Rua Dom Pedro I, 165, Parque das Américas

issuu-downloader.com

Black Pantera mostra novo conceito entre **ritmo e movimento**

Banda usa de rock pesado e nome do movimento famoso contrastando com o cenário local

Luan Gabriel
2º período de Jornalismo

A banda Project Black Pantera carrega história e expressividade. O nome remete a uma organização política, fundada em 1966, na cidade de Oakland, na Califórnia, com o intuito de patrulhar os guetos negros e proteger os moradores da brutalidade da polícia. Com identidade visual forte, estilo musical diferenciado e letras de protesto, a banda se destaca no cenário local e internacional.

A banda surgiu em abril de 2014, por meio de Charles e Chaene Gama.

> A música não fala só do escravo negro, mas do trabalho escravo que acontece nos dias atuais

Fotos: Natalia Arduini

Formada pelos irmãos Charles e Chaene Gama, a banda conta com o irreverente baterista Rodrigo

Charles é compositor e chamou o irmão baixista para começarem a banda. Um mês depois, Rodrigo Auguto, baterista, entrou para a banda.

Rodrigo conta que achou o som muito interessante e que já havia tocado com Chaene em outras bandas covers. Eles partiram para trabalhos autorais.

"Eu tinha falado: assim que surgir a oportunidade, me chamem. Acho que é um som que tem muito a ver comigo, um estilo mais agressivo. Acabou aparecendo a oportunidade e eu entrei de cara", diz o bateirista.

O idealizador da banda e da escolha do nome foi Charles, que tenta passar pelo visual, pelas letras e pelo ritmo um pouco do que foi o movimento que reflete sobre a divisão racial.

"As músicas passam bastante agressividade nas letras, como na música Escravos, que não fala só do escravo negro mas do trabalho escravo, que acontece ainda nos dias atuais."

Por conta da cultura da região, em que predomina o estilo sertanejo, e do Brasil em geral, a Black Pantera não conseguiu apoio logo que foi lançada.

"No começo, a gente foi bem underground, tocando em casas de amigos para 10 ou 20 pessoas. As casas de show abriam espaço para esse estilo musical apenas para covers. Era difícil acreditar em uma banda de trabalho autoral", lembra Rodrigo.

Pelo mundo

Pelo seus diferenciais, a Black Pantera ganhou visibilidade internacional. Hoje, agrega seguidores de vários continentes, pessoas que gostam e compram o trabalho. "Por conta das redes sociais, muita gente compra nossas músicas pelo itunes, deezer, entre outros. A banda tem até mais visibilidade fora do país", salienta Rodrigo.

Recentemente, a banda teve a oportunidade de se apresentar na segunda edição do festival AfroPunk, em Paris.

O evento nasceu no Brooklyn, em Nova York, onde já acontece desde 2005, movimentando a cultura negra não só com música, mas com gastronomia, moda, dança relacionadas à cultura negra.

Durante um fim de semana inteiro, em junho, o AfroPunk apresentou música ao vivo, na França, tendo como meta a liberdade de expressão e o foco na quebra de paradigmas. A ideia é ser uma experiência multicultural global, inspirada pela música alternativa.

Quando fez contato com os organizadores, Charles queria divulgar o trabalho da banda.

"Foi sensacional. Depois de seis meses de formação da banda, já tínhamos contato direto com o pessoal do festival. Eles convidaram a gente

issuu-downloader.com

> Eles não teriam mídia se não tivessem levando o nome do movimento

já de cara, sem nem termos mandado material.Acredito que se interessaram por conta de sermos negros tocando rock e pelo nome que a banda ostenta."

O nome

A banda diz que o nome nunca teve nenhum impacto negativo, pelo contrário, sempre foi positivo e bem aceito pelo público.

Charles diz que não imaginava tamanha representatividade, que criou de forma bem despretensiosa.

"No começo, a gente só queria se divertir e foram rolando as letras e a divulgação nas redes sociais. Fomos mostrando que a banda vai muito além de ser apenas uma representante de um movimento."

A professora do curso de Serviços Sociais da Univeridade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Maria Cristina Souza, é coordenadora do grupo de pesquisaTemas Raciais.

"Por conta do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e do sistema de cotas, a UFTM recebe mitos alunos negros. Acredito que, por isso, a temática deveria ser mais comentada. Em nosso grupo de estudos temos tanto negros como com brancos"

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que a proporção de alunos nas universidade identificados como pardos e pretos aumentou. Em 201 eram 21,4% e, em 2014, 42%.

Depois de seis meses de formação, a banda foi convidada para tocar no AfroPunk, em Paris, na França

Foto: ruthgobbo.com.br

Com as redes sociais, a Black Pantera ganhou visibilidade e tem muitos seguidores fora do Brasil

Maria diz que há um extermínio na população negra no Brasil, principalmente na faixa dos 19 aos 24 anos. "A violência contra o negro é fato. A questão da violência, da pobreza, a violência policial contra o negro, a violência do negro quanto à falta de emprego, e a questão de o negro ter dificuldade de ingressar na universidade. São muitos fatores."

A especialista vai além, comentando que o nome da banda representa, de fato, o movimento.

"O fato de estar levando o protagonismo é muito interessante. Eles não teriam mídia se não tivessem levando o nome do movimento. Há outras bandas, que trabalham a questão da cultura, que têm expressão na mídia, mas que não carregam essa bandeira."

Violência

Maria Cristina faz uma reflexão com relação à violência contra os negros. Segundo ela, nos Estados Unidos existem fortes evidências da violência, mas reforça que esta questão é encarada de frente.

"A questão da segregação é encarada. Aqui, dizem ser uma democracia, mas, na verdade, não é bem assim. Aqui, quando alguém vai denunciar racismo, dizem que não existe e, na verdade, quem é negro sofre isso na pele todos os dias."

Para ela, a banda está no caminho certo propondo reflexão a partir de seu estilo próprio. "Esta visibilidade internacional mostra que eles estão no caminho certo para cortar esse estereótipo de que, por serem negros, não podem tocar o que realmente gostam e acreditam."

issuu-downloader.com

Jovem autor é revelação em romance

Com o segundo romance já previsto para lançamento, mineiro revela processo criativo

Mara Poliana
4º período de Jornalismo

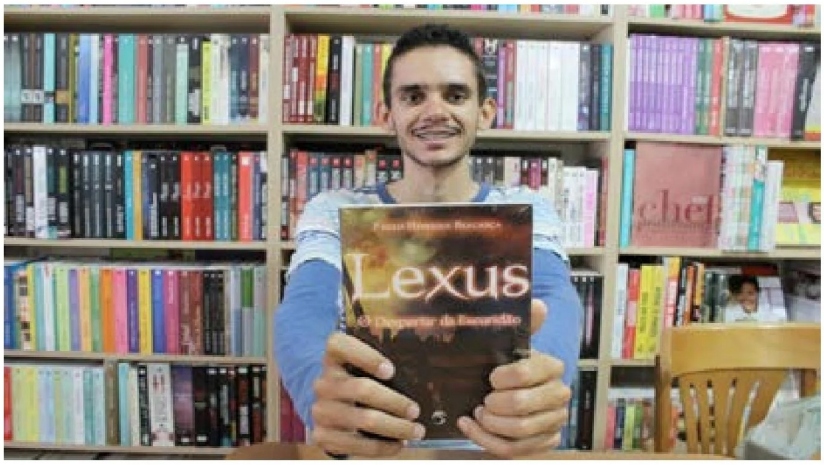


Foto: Mara Poliana

Paulo Henrique já tem previsto lançamento do segundo livro, Conectados

Aos 21 anos, enquanto muitos jovens são desinteressados pela leitura, na cidade de Araxá, Paulo Henrique Bragança mostra que não só tem gosto pela leitura como tem também talento para escrever. Depois de se aventurar em contos e crônicas, que chegaram a ser publicadas por grandes editoras do país, o jovem autor, em parceria com a editora Arwen, publica seu primeiro romance, Lexus – O despertar da escuridão. Ele já fechou a publicação do segundo romance, Conectados, com a editora Buriti.

A inspiração

Foi em 2015, após se formar no curso técnico de Mineração, enquanto aguardava uma oportunidade para estagiar, que Paulo Henrique começou os primeiros rascunhos de uma história pós-apocalíptica, que deu origem a Lexus - O despertar da escuridão. Baseado nos games de survivor horror, como Residente Evil e Dead Island, em 156 páginas, o autor conta uma catástrofe na cidade de Campos Elíseos. Os moradores, ao serem expostos a um agente biológico, transformam-se em zumbis.

> “Saber se alguém está lendo ou leu é gratificante

Mas, para que esta história um dia chegasse às mãos dos leitores, o jovem autor precisou de um pouco mais, além da criatividade. Durante três meses de construção da obra, dedicou-se a escrever até seis horas por dia e, muita vezes, chegou a varar madrugadas. A inspiração, além dos games, veio ao som de músicas. Após dois meses de tratamento final e revisão dos textos, Paulo Henrique viu uma oportunidade de enviar sua obra para alguma editora. Segundo ele, a Arwen foi a primeira a receber o original e, pouco tempo depois, o contrato foi fechado.

No início do ano, na noite do dia 30 de janeiro, no Teatro Municipal de Araxá, o romance foi lançado, com direito a coquetel com brindes e autógrafos. Os leitores tinham, pela primeira vez, em suas mãos, o sonho realizado do jovem autor.

Na Bienal do Livro de Minas, em Belo Horizonte, Lexus foi pauta para muitos leitores que prestigiavam o evento. Uma das maiores alegrias na vida de Paulo Henrique foi ser reconhecido por pessoas no local e que, principalmente, queriam conversar a respeito da obra. “Saber que alguém está lendo ou leu é gratificante. Não me importo muito com vendas, pelo menos não por enquanto”, afirma.

Viver de livros é um grande sonho, mas o maior objetivo financeiro de Paulo Henrique é, futuramente, ser roteirista de séries, novela ou filmes.

Divulgação

Mais de 200 exemplares e dezenas de e-books já foram vendidos. A divulgação é por meio de uma parceria entre autor e blogueiro literário. O autor disponibiliza seu livro ao blogueiro que, após terminar a leitura, realiza uma resenha crítica expondo sua opinião e publica em seu blog.

Cobrado por muitos leitores sobre a continuação de Lexus, Paulo Henrique diz ter planos para uma duologia. “Ainda estou trabalhando nessa questão e não tem nada definido. Mas que terá uma continuação é certeza”, revela.

Início

Paulo Henrique se encantou com a literatura assim que aprendeu a decifrar as letras. Harry Potter foi o estopim para a imersão na literatura. O jovem escritor agradece à autora J.K Howling por lhe apresentar um mundo tão incrível.

Mas ler apenas já não era suficiente. Foi quando, então, Paulo descobriu que conseguia ir mais além. Começou sua carreira como escritor em 2014, ao participar de uma antologia da Editora Ixtlan com os contos Fome e Casa 21, respectivamente.

issuu-downloader.com

Sociedade das **máscaras**

Bárbara Lemes
8º período de Jornalismo

Vivemos em um mundo em que ficamos satisfeitos com a quantidade de material supérfluo que recebemos, enquanto nos vemos sem tempo para absorção de cultura. Com "meu eu cultural", aproveito para me encher de sabedoria, de música, de arte e um pouco de ficção. Peças de teatro são ideais para a complementação do vazio que não mais transborda em mim. Eles conseguem me encher de cultura, de afeto e satisfação em cada ato. Ao encerrar o espetáculo, o ato de fechar as cortinas vermelhas me faz pensar. No teatro da vida, me perco em meio às cenas até não conseguir separar o mundo real da ficção.

> "Por que será que é tão mais fácil criar mentiras para ficar bem consigo mesmo?

As máscaras utilizadas para cobrir o rosto e com propósitos lúdicos saem de cena e caem no rosto da população que, de certo modo, pretende se esconder daquilo que está do lado obscuro da vida. Fora de seu alcance. Fora de seu ciclo. Fora de sua vida.

As pessoas, de modo geral, usam máscaras. Independentemente se por profissão teatral ou se por medo de parecer hipócrita para a sociedade. Aliás, a hipocrisia da sociedade intimida. E muito. Mas, se formos analisar, a palavra portuguesa "hipócrita" é uma derivação da palavra grega hipokrites que, ironicamente, tem o significado de "ator, fingido, aquele que representa um papel". Sendo assim, os que utilizam máscaras, na vida real, dão continuidade à cena, ao palco.

Por que é tão mais fácil criar mentiras para ficar bem consigo?

Como no teatro, as pessoas agem como fantoches mascarados. Seguir o que pede o script é o ideal para a obtenção dos aplausos. Na vida real, diferentes máscaras estampam os hipócritas que agem contra a própria hipocrisia. As máscaras intelectuais fazem com que o ser humano deixe sua vida social e tenha um fim em si mesmo. A máscara brincalhona consegue ver piada e brincadeira em tudo, justamente para evitar o enfretamento de situações complexas que a vida impõe. Esta é a máscara mais comum da sociedade. A máscara da atenção que transforma quem a usa em uma pessoa carente e sensível. Com essa máscara, ninguém tem a audácia de magoá-lo. A máscara sonhadora existe só para te iludir. Ela consegue fazer você criar seus próprios anseios e fantasias, além de fazer você acreditar que, um dia, todos eles se tornarão realidade. A máscara mal-humorada transmite um ar ranzinza, mas por dentro, consegue ser mais sensível do que a pétala de rosa – iguais àquelas lançadas ao palco, no final do espetáculo.

Não é preciso muito para entender que os mascarados são pessoas infelizes, sozinhas, solitárias, tristes. E hipócritas. No fechar das cortinas, ninguém lhe mostrará o que deve ser feito para se livrar das máscaras que nos aprisionam. Não há luz. Não há ação. Seu único companheiro de palco nesse ato é você mesmo. Você é o autor e diretor de sua própria peça. E o que é preciso ser feito para se livrar das máscaras que te aprisionam? Estar em sintonia e ter força de vontade. É entender que a vida não é uma peça de teatro onde, no final, você será aplaudido em meio às pétalas de rosas.

E mesmo se te jogarem rosas, cuidado! A pessoa que as jogou pode também ser um mascarado, cujo único objetivo é fazer com que você se fira com seus espinhos.

Foto: Mara Poliana

issuu-downloader.com

COM3 Uniube | SEMANA DA COMUNICAÇÃO

UM CONJUNTO DE POSSIBILIDADES

REALIZAÇÃO

Uniube JORNALISMO

Uniube PUBLICIDADE E PROPAGANDA

APOIO

Assedi 3

22 a 24 NOV'16

mais informações: **facebook.com/comunicacao.uniube**

issuu-downloader.com